

XXI CONFERÊNCIA DA ASEL

Intervenção do Presidente da ASF, Professor Doutor José Figueiredo Alença, na sessão de abertura da XXI Conferência da Associação de Supervisores de Seguros Lusófonos (ASEL)

Lisboa, 7 de julho de 2017

Salão Nobre do Hotel Ritz

Exmas. Senhoras, Exmos. Senhores,

1. Começo por dar-vos as boas-vindas a Lisboa, à XXI Conferência da ASEL, desta feita integrada na nossa assembleia geral anual, a qual, em meu nome e em nome de todos os trabalhadores da ASF, temos o enorme prazer e orgulho de receber e organizar.

Quero também aproveitar esta oportunidade para agradecer a todos os conferencistas pela sua participação neste evento e pelas suas comunicações, cujo contributo será certamente enriquecedor para o debate dos temas tão centrais que hoje pretendemos abordar.

2. Muitas razões nos unem e nos trazem aqui hoje, mas uma sobrepõe-se a todas as outras: a nossa língua comum, o português. A nossa língua, a pátria de que Bernardo Soares nos fala, estrutura a nossa noção de tempo, de identidade, a forma de pensarmos e vermos o mundo, as relações humanas e – porque não? – até mesmo os seguros. É isso também que partilhamos, para lá da língua, para além dela, partilhamos uma forma de ver o

mundo e de o compreender, independentemente de geografias, de hemisférios, de pronúncias, este será sempre o nosso património comum.

Nunca será pouco dizer que é a língua o que nos une, porque uma língua não é uma coisa que apenas se partilha, já que associado a ela estará sempre um modo de entender o mundo que nos rodeia. Mas, ao mesmo tempo, é um património muito particular, até mesmo volátil quando não é partilhado e defendido.

3. No nosso âmbito, o universo segurador, a ASEL é, em primeiro lugar, um espaço para a partilha e defesa desse património comum, e nunca será de menos recordar que isto precede, até, a constituição dos estatutos da nossa Associação em 2004. Estes mesmos princípios norteavam os fóruns de cooperação que a precederam, como a Primeira Conferência da Associação das Autoridades de Supervisão de Seguros de Expressão Portuguesa, em 1990, e a nossa Primeira Conferência, no Porto, em 1994. Mas a constituição da ASEL em 2004 foi, de facto, um momento fundamental, seja porque ela representa uma forma mais estável e evoluída de cooperação, seja porque nos permitiu superar o bilateralismo que dominava nas nossas relações mútuas, criando pela primeira vez uma instituição comum aos supervisores de seguros lusófonos.
4. A língua comum precede-nos, mas o que tornou esta evolução possível foi, sem dúvida, o constante processo de modernização legislativa e regulamentar do setor segurador verificado nos nossos diversos enquadramentos. E neste processo, permitam-me considerar que o reforço da literacia financeira há de ter ocupado necessariamente um lugar de destaque. Paulatinamente, a literacia financeira tem-se tornado um tema inquestionável nas sociedades contemporâneas, mais ainda nos contextos de dificuldades financeiras e económicas. Reconhecendo isto e prestando também homenagem ao contexto em que a ASEL pôde naturalmente surgir, escolhemos a literacia financeira como um dos temas a abordar nesta conferência.

A educação financeira, como vários autores parecem concordar, visa essencialmente dois objetivos: dar a conhecer e tornar compreensíveis, por um lado, os princípios financeiros fundamentais para uma tomada consciente de decisões com relevância nesta área e, por outro, os produtos financeiros com impacto no bem-estar económico e financeiro de cada pessoa. Isto é tão mais fundamental. Isto é de uma importância capital, já que, como não é difícil de entender, as decisões financeiras vão invariavelmente marcar a vida de cada pessoa, e com grande probabilidade fá-lo-ão nos seus momentos mais marcantes: o universo segurador pode estar presente na vida de cada pessoa desde o nascimento até à morte, bem como nas múltiplas vertentes em que esta vida se desenvolve, como a familiar, a profissional e a empresarial.

Nunca é demais repetir que um dos valores primordiais a preservar na supervisão do setor segurador será sempre o reforço da confiança dos consumidores no funcionamento dos mercados financeiros e na conduta das entidades que nele operam.

Contudo, e apesar disto, nos setores financeiros, e em particular na atividade seguradora, sobrevive uma espécie de estigma de complexidade, como se um conhecimento adequado fosse, nesta esfera, inacessível ao cidadão comum, dada a especificidade da linguagem através da qual se expressa. A linguagem seguradora é, juntamente com o português, o nosso segundo idioma comum e, por isso, cumpre-nos, mantendo a coerência e a especificidade de termos em que o léxico segurador se expressa, torná-lo, ainda assim, compreensível e o mais transparente possível no universo dos falantes de língua portuguesa.

5. A educação financeira, a meu ver, cumprirá também um papel fulcral no sentido de mitigar os desafios colocados por outro dos temas que aqui hoje nos ocupam: o impacto da inovação tecnológica no setor segurador.

Poucos duvidarão que o avanço tecnológico e a análise de dados se encontram entre as principais tendências para o mercado segurador, sendo importante destacar que tal implicará certamente a surgimento de novos desafios mas, ao mesmo tempo, fomentará

também o desenvolvimento de novas soluções para problemas presentes. Por um lado, e a mero título exemplificativo, a automatização da circulação automóvel certamente criará novos desafios, nomeadamente um possível reequacionar dos nossos sistemas de responsabilidade. Mas, por outro lado, a implementação e desenvolvimento dos sistemas de realidade aumentada poderá trazer inúmeras externalidades positivas para o mercado segurador, designadamente na regularização de sinistros e nos sistemas de gestão de reclamações.

6. Abordando agora o outro vetor desta conferência, a poupança, enquanto processo através do qual uma economia reserva parte do seu produto usando o mesmo para gerar receitas futuras, desempenha um papel chave no desenvolvimento dos países, sendo a principal fonte de recursos para o financiamento do investimento e para a criação de projetos de reforma estrutural que promovam o desenvolvimento económico e social. Assim, a par da educação e da tecnologia, a poupança está entre os principais fatores que estimulam o crescimento económico.

Como já tive oportunidade de referir recentemente, o setor segurador teve e continuará a ter um importante papel na criação e canalização da poupança interna, sendo, por isso, recomendável refletir acerca do papel que a nossa atividade deverá desempenhar e que lugar deverá ocupar na estratégia de crescimento para os próximos anos.

O setor segurador capta uma parte importante da poupança da sociedade. No final do primeiro trimestre de 2017, o valor total das carteiras de ativos das empresas de seguros situou-se em cerca de 49 mil milhões de euros, o que equivale a sensivelmente 26% do produto interno bruto nacional. A componente Vida correspondia a 83% do valor total dos ativos, sendo uma parcela muito significativa desse valor referente ao investimento dos prémios e das entregas efetuadas pelos tomadores de seguros para os produtos com uma forte componente de poupança, geralmente com horizontes temporais de médio a longo prazo.

7. Termino esta minha breve intervenção reforçando a ideia de que a missão da ASEL e, por identidade, os objetivos desta conferência, serão sempre a defesa e o fomento de todo este património que nos é comum. E se no domínio da cooperação internacional não podemos propriamente socorrer-nos do velho brocardo de que o que a todos diz respeito, por todos deve ser decidido, celebremos aqui o facto de que aquilo que nos é comum é, felizmente, debatido.

Muito obrigado.